Spártacus

Ano I — Numero 23 | Endereço: Caixa postal 1936, Rio de Janeiro — Brazil | 3 de Janeiro de 1920

Também proletários...

E' muito interessante examinar a situação do clero brasileiro com a invasão terrivel dos padres estrangeiros no Brasil. A Igreja tambem tem seus proletarios, explora-os quanto pode, embora sejam a milicia da sua casa de negócio. Exatamente como se faz com soldados e marinheiros.

Do mesmo modo que entre êstes lavra um descontentamento surdo, entre os sacerdotes brasileiros crece e avulta um esto de revolta mal contida contra a administração eclesiástica, sobretudo contra o escandaloso regimen de proteção aos emigrados europeus.

Esse estado de pobreza, quase miseria do baixo clero, é cousa antiga em toda a parte. A peor aristocracia, digamos antes, a peor plutocracia humana é a da Igreja. E' um verdadeiro *trust* onde os graúdos são nababos e os trabalhadores pobretões ou mendicantes.

Os historiadores da revolução franceza assinalam todos essa infeliz situação do cura e dos irmãos, verdadeiros serviçais e escravos dos bispos, arcebispos e ordens monásticas.

Eis como se exprime um autor: «Nesse corpo rico e relativamente independente, a riqueza era muito desigualmente repartida. Um abismo separa o alto clero (arcebispos, bispos, conegos, abades e abadessas), do baixo clero. De um lado os pingues ordenados, as rendas fartas, as pensões gordas, as sinecuras largamente retribuidas (o bispo de Estrasburgo tinha mais de um milhão de renda anual, o arcebispo de Sens 82.000, o de Alby 100.000, o de Narbona 106.000, o de Rouen 130.000; o abade de Clairvaux 400.000 libras; quasi todo o Velay pertencia ao bispo du Puy); do outro lado apenas a subsistencia necessaria.

Acontece muitas vezes que o titular de um curato da roça era abade de um mosteiro ou grande senhor eclesiastico, o qual, mediante algumas centenas de libras, encarregava um pobre eclesiastico de prehencher os seus encargos sacerdotais».

Conhecem todos as palavras de compaixão com que Voltaire descrevia os horrores da vida no baixo clero de sua época.

Mais frisante e mais eloquente é Blasco Ibanez numa das paginas candentes de *La Catedral*.

Eis como se expressa don Martin, naquela sena inesquecivel da torre:

— Tens razão, Gabriel: a época da Igreja dominante passou. Ainda guarda nos seus ubres leite suficiente para todos: apenas são mui poucos os que se agarram a eles e se fartam até estourar, enquanto os outros uivam de fome. E' de se morrer de rir quando se fala da igualdade e do espirito democratico da Igreja. Uma mentira! Em nenhuma instituição impera despotismo tão cruel. Nos primeiros tempos, papas e bispos eram eleitos pelos fieis e desapeados do poder quando o empregavam mal. Agora existe a aristocracia da Igreja, isto é, de conego acima, e o que logra empolgar na mitra, a esse nem Deus lhe tosse nem ha quem lhe tome contas. No mundo leigo desempregam-se os empregados, separam-se os ministros, degradam-se os militares... até se destronam reis. Mas, quem exige responsabilidade ao Papa ou aos bispos desde que se vêm ungidos e em correspondencia mais ou menos frequente com o Espirito Santo? Si você pedir justiça enviam-no ante tribunais formados igualmente por aristocratas da Igreja. Não ha poder mais absoluto na Terra, nem o do Grão Turco, que, de certo modo, é responsavel por medo ás revoluções do serralho. Aqui, no serralho da Igreja, todos somos ainda menos que femeas. E, si surge um cura que, exausto de perseguições, sente renacer o homem dentro da sotaina e atira uma punhalada ao seu tirano, o declaram louco. O cumulo da hipocrisia! Querem demonstrar que na Igreja se vive no melhor dos mundos e que só a falta de razão se pode rebelar contra o seu regimen.»

E depois de mostrar quanto a Igreja extorque ao povo na Espanha; depois daquela frase celebre: — Manter-se em correspondencia com Deus custa aos espanhois cinco vezes mais que apreder a ler —, prosegue don Martin:

«E eu, que tomo parte nessa instituição, tenho sete duros por mez e a maioria dos vigarios de Espanha ganham menos que um fiscal de consumo e milhares de clerigos andam de sacristia em sacristia, cavando missas para pôr ao fogo um pucherete; e, si não saem ás carreteras quadrilhas de clérigos a roubar é porque temem o guarda civil e após dois dias de fome chega um terceiro em que podem comer um mendrugo! Ha sempre uma migalha para entreter a fome. Nenhuma sotaina cai no meio da rua desfalecida de necessidade, mas são muitos os clerigos que passam a existencia enganando o estomago, imaginando que se nutrem até que chega uma doença qualquer e os tira ao mundo. Para onde vai pois todo esse dinheiro? Para a aristocracia da Igreja, para a verdadeira casta sacerdotal, pois nós outros, dentro da religião, somos gente de escada a baixo.»

No Brasil, a situação do clero, do clero nacional, não chegou ainda, evidentemente, a esse estado de penuria; mas tudo leva a crer, tudo indica, matematicamente, que para lá vamos.

As continuas levas de frades, freiras e padres estrangeiros são dezenas, centenas, milhares de bocas concurrentes ao clero brasileiro. O povo destas bandas é muito lorpa, muito beato, tosquiavel até o cerne, mas em tudo ha conta. Assim, topando o limite maximo, quem vem sofrer, fatalmente, é o padre nacional.

Demais disso, quem manda na Igreja do Brasil não são os eclesiasticos do Brasil. Quem manda é o papa e o seu conselho de cardeais. O papa e os cardeais são estrangeiros e querem proteger, naturalmente, os seus patricios. D'aí as preferencias dadas aos de fóra e as perseguições contínuas, os vexames, as sangrias no clero nacional.

Todos os colegios, todas as missões rendosissimas, todos os hospitaes, todas as casas de caridade, todos os caça-niqueis da Igreja estão nas mãos dos padres estrangeiros. Aos nacionaes apenas os vigariatos e os cargos administrativos para os *chaleiras*, que os ha, numerosissimos, na casa de Deus.

Quanto ás missões pesadas, dificeis, perigosas, nas epidemias, na guerra, para a frente os brasileiros e na reserva os lá de fóra.

E' isso pelo menos o que se ouve, o que tenho ouvido em todo o clero.

O estado de animo, entre eles, é de irritação constante e de profunda magua. São proletarios do Estado-Igreja, a padecerem as usurpações, o tacão de bota dos potentados de corôa.

Desgraçadamente os preconceitos religiosos lhes vedam revoltar-se, unir-se em sindicatos, em resistencia decisiva, contra os piratões de aquém e além-mar.

Peor para eles! Si não se unirem já, irão celeremente para a miseria negra, sugados pelos intrusos, pelos emigrados, pelos protegidos do Vaticano.

José Oiticica.

UM TELEGRAMA SIGNIFICATIVO

Os aliados já admitem á "possibilidade" do triunfo definitivo do bolchevismo

O Paiz de terça-feira ultima publicou o seguinte telegrama, muito significativo, enviado de Nova York pelo Sr. J. W. T. Mason, correspondente especial da United Press:

NOVA YORK, 28 (U. P.) — O governo bolchevista da Russia concluiu a sua primeira paz na semana passada e poz termo a novos ataques ou operações contra Petrogrado. Os acordos preliminares foram assinados em Dorpat entre os governos da Estonia e Bolchevista, estabelecendo a cessação das hostilidades e o ajuste das linhas de fronteira entre a Estonia e a Russia Soviet.

A Estonia é o paiz que fica mais ao norte dos tres Estados independentes do Baltico. E' a base neutra para as operações contra Petrogrado. O exercito democratico de Yudenitch ficou eliminado em consequencia do tratado Russo-Estoniano. Isto constitue a primeira real victoria do exercito bolchevista, victoria que, entretanto, custou aos defensores das teorias de Lénine o reconhecimento da independencia da Estonia, desmembrando uma provincia da Russia.

Um tratado solucionando as disputas entre dois outros Estados do Baltico — Latvia e Lituania — é iminente. O resultado será que um exercito de cem mil homens bolchevistas será libertado da frente noroeste da Russia. Estas tropas poderão, portanto, ser empregadas para defender Moscou contra novas operações que possam ser tentadas pelo general Denikine. Este facto virá destruir as ultimas esperanças do general Denikine que consistiam em capturar Moscou.

O almirante Koltchak continua a bater em retirada na Siberia. Esse almirante foi esquecido como um factor de importancia na lucta contra os bolchevistas.

A America e o Japão têm estado ocupados em negociações entre si com respeito á Siberia.

Resolve-se deste modo uma situação que parece ser favoravel á continuação do dominio bolchevista na Russia Européa.

O governo tsheque-slovaco declarou que obrigações economicas forçam a França e a Grã-Bretanha a fazer a paz com a Russia Soviet com a condição de que os Soviets concordem em não fazer mais propaganda internacional das suas teorias.

Si isto fôr verdade não tardará muito que cessem as hostilidades da Europa Oriental, depois do que os portos de cereaes da Russia serão abertos para socorrer a fome mundial.

Everardo Dias voltará

Os governos federal e paulista confessam o erro e o crime que praticaram

E os outros deportados?

Já é do dominio publico a solução dada pelo governo ao caso Everardo: o decreto que o expulsou foi revogado.

O governo de S. Paulo, sob a pressão da campanha sustentada entre nós, no parlamento e nos circulos maçonicos, cedeu e confessou publicamente o seu erro.

Sempre afirmámos que essa deportação, além de infamissima, era ilegal. De facto. Agora são as proprios autoridades paulistas que o reconhecem, e levam o governo federal á revogação do decreto.

Mas o caso Everardo é apenas o caso tipico de toda essa monstruosa perseguição aos anarquistas. Continuamos a afirmar que todas as ultimas deportações são obra da mesma infamia e do mesmo descaso pela legalidade.

Nenhum, absolutamente nenhum dos decretos de expulsão foi feito segundo os preceitos legaes. Os camaradas expulsos foram presos, maltratados, postos incomunicaveis, impossibilitados de se defenderem, e em maioria nem ouvidos foram.

Nenhum facto criminoso se apurou jamais contra qualquer deles.

Nós desafiamos o governo o tornar publicos taes processos.

E aos homens de boa fé, edificados com o caso Everardo, perguntamos: si procederam arbitraria e ilegalmente contra Everardo, não é isso base para a suposição que tambem ilegal e arbitrariamente procederam em relação aos outros?

Cesteiro que faz um cesto...

Todos os expulsos, como Everardo, são trabalhadores honrados, que só no trabalho buscavam os meios de subsistencia sua e de suas familias. Todos eles tinham longa residencia no Brazil. O que aqui estava ha menos tempo contava 6 anos de residencia. Muitos dos outros residiam ha mais de 20 anos. Muitos deles tinham familia aqui constituida, com filhos brazileiros.

A monstruosidade da expulsão desses homens não é menor que a monstruosidade da expulsão de Everardo.

A proposito da campanha sustentada no parlamento pelo Sr. Mauricio de Lacerda, em favor de Everardo, recebeu esse deputado a seguinte carta do velho batalhador Martim Francisco:

"S. Paulo — 1919 — Dezembro, 20 — Mauricio de Lacerda, amigo. Saude — Saudações — Confirmo, com pleno conhecimento de pessoa e de causa, o que disseste na Camara dos Deputados: Everardo Dias é um intelectual honesto, dedicadissimo ás convicções que em questões sociaes tem e mantém. Sua prisão só se explica pelo reaparecimento, em S. Paulo, do delicto de opinião, caracteristico do fanatismo medieval, e, agora, dos povos que crescem em paciencia e descrecem em pudor. Francamente: si Everardo devia ser preso uma vez, dez vezes, pelo menos, já deveria ter tido entrada no xadrez o teu amigo, colega e admirador — Martim Francisco".

Os processos inquisitoriaes da policia paulista

Righetti e Pimenta contam os martirios a que foram submetidos

Companheiros de prisão de Everardo, Righetti e Pimenta com Everardo sofreram todas as torturas da fome, da sêde, da brutalidade, do escarneo... usadas pelos inquisitoriaes esbirros paulistas contra os anarquistas. A seguir publicamas a carta de José Riguetti, enviada do Rio Grande. E' u documento formidavel, na sua tragica singeleza, e que ha de ficar na historia das lutas do proletariado no Brazil como um ferrete a marcar para sempre os criminosos e hediondos processos de ação repressiva do policia do Estado de S. Paulo. No proximo numero publicaremos a narração feita por Pimenta, que aqui já se acha, livre emfim das garras malvadas dos bandido...

Quem escreve estas linhas é o companheiro José Righetti, victima das violencias e barbaridades da policia de S. Paulo. Fui preso em S. Bernardo, onde residia junto de minha mãe e meus 6 irmãos.

Prenderam-me nos teares trabalhando e me conduziram para S. Paulo, ao posto da rua 7 de Abril, onde depois de prestar declarações ao dr. Octavio Ferreira Alves, fui recolhido ao xadrez, apezar de nada resultar contra mim e nada pezar sobre a minha consciencia, de crimes de qualquer natureza que fosse.

Fiquei até á meia noite do dia 25 de Outubro ahi, e nessa hora me chamaram e me conduziram para uma ambulancia, onde estava tambem o companheiro João da Costa Pimenta, preso nesse mesmo dia ao desembarcar na estação da Luz, do trem vindo do Rio. Fomos então conduzidos para a Central de policia e ali ficámos até o dia 27 á 1 hora da madrugada, hora em que nos chamaram, dizendo-nos que nos preparassemos para sahir.

Fomos conduzidos para os fundos da Central, que dão para a rua 25 de Março, por dois secretas e o Geraldo, chefes deles. Na rua 25 de Março estava á nossa espera um possante automovel, dentro do qual se encontrava Everardo Dias. Subimos e o automovel poz-se em marcha para o lado de Santos e, quando chegou ao pé da Serra, lá estava outro automovel á nossa espera. Fomos obrigados então a subir nesse outro automovel que tambem tinha a respectiva escolta de secretas e que nos conduziu para o posto policial da Vila Mathias—(Santos). Ahi chegámos ás 4 horas da madrugada do dia 28 de Outubro. Nesse mesmo dia nos despiram de toda a nossa roupa e completamente nús nos fecharam num xadrez imundo, escuro, cheio de insectos nojentos e ainda por cima nos deixaram sem comida e sem agua para beber. Parece até incrivel, mas estavamos em poder de creaturas que de humano só tinham a aparencia.

Peores do que os inquisidores; os hotentotes da Africa não procedem assim para com os seus inimigos, como procederam as autoridades de S. Paulo em dar ordens e as de Santos em executal-as. Tinhamos que nos deitar assim nús como estavamos no chão de ladrilhos, e só conseguimos deitar pelo espaço de 10 minutos, porque depois tivemos que nos levantar imediatamente e fazer fricções e massagens por todo o corpo para activarmos a circulação do nosso sangue.

Pedi agua e não nos deram e eu, com febre de tanta sêde, trepei pelo cano da privada e bebi dessa agua suja e enferrujada, fazendo o mesmo mais tarde, tambem o Pimenta.

Quando se tinham passado 48 horas que estavamos naquele estado, chamaram Everardo Dias, que foi conduzido, sempre nú, para uma sala onde muitos soldados de carabina na mão faziam um circulo, isto é, estavam formando roda, e no meio empurraram Everardo, sendo barbaramente batido por um soldado, com um cinturão duplo. Imaginem a nossa indignação ao ver praticar semelhante barbaridade contra um homem indefeso e complemente nú. Depois disso entregaram a roupa ao Everardo e dali a pouco o levaram embora, de automovel, sendo que, até hoje que escrevo estas linhas, não sei para onde o conduziram.

Ficámos, eu e o Pimenta, sempre nús e sem comida, e assim passaram-se 5 dias e 5 noites! Parece incrivel, porém, foi mesmo assim. Na quinta noite eu já não podia mais aguentar e a fraqueza foi tal, que cahi ao chão com dôres reumaticas e caimbras no estomago. O Pimenta então chamou por socorro e duas horas depois apareceu o cabo de serviço, que prometeu chamar um medico, o qual não veio. Continuavam as dôres, porém, cada vez mais cruciantes e a fraqueza; a humidade já tinha penetrado até aos miolos dos ossos. Depois de meia noite foi que entrou no xadrez o chefe dos secretas de Santos, o qual, vendo-nos assim nús, sem comida por 5 dias e a mim naquele estado, ordenou que nos dessem a nossa roupa para vestir, um colchão e cobertor, e ao Pimenta, então, deram-lhe um «sandwich». Esse foi o alimento que entrou naquele xadrez, depois de 5 dias e 5 noites que nos tinham recolhido nele.

A mim, disseram que devido áquela hora estavam todos os cafés fechados e não podiam arranjar-me meia garrafa de leite, e que só de manhã é que o podiam fazer. Assim passei a noite toda a gemer, com febre, fraqueza e delirando. Clareou o dia e o leite não vinha e só foi ao meio dia que m'o trouxeram, quando eu já estava mais morto do que vivo. A' tarde deram-me uma canja de arroz, mas nós pedimos que viesse um medico ou então que eu fosse levado para o hospital. Prometeram que iam providenciar, porém, nada adiantou e assim continuamos por 3 dias, findos os quaes vieram novas ordens das altas autoridades de policia, pois parece que ainda não estavam satisfeitas com os nossos sofrimentos, queriam continuar os nossos martirios, pois, os instinctos perversos, canibalescos, infames e covardes dessas féras de aparencia humana, não estavam ainda aplacados. João da Costa Pimenta foi obrigado a despir-se novamente de sua roupa e ficar completamente nú outra vez, e a mim, não me tiraram a roupa porque estava muito mal, porém, me suspenderam todo e qualquer tratamento, mesmo suspenderam até qualquer comida, e foi assim que tivemos que passar mais um dia e uma noite. Quando foi então, ás 11 horas da noite, appareceu o sargento á paisana, que comandava o destacamento do posto de Vila Mathias, que me separou do meu companheiro e me conduziu a uma especie de cela, que tinha 2 metros de comprimento por 1 e meio de largura, sendo entregue,

essa hora, a roupa ao Pimenta para se vestir.

Passei 18 dias então nessa céla, findos os quaes o Pimenta foi retirado do xadrez em que estava e passaram-me, antes, a mim, para lá. O Pimenta foi levado embora tambem de automovel, e até hoje, que escrevo estas linhas, não sei para onde.

Continuava então, eu sempre incomunicavel; via sómente o guarda quando, a cada 24 horas, vinha trazer-me comida. Estava ainda muito fraco e apenas podia me suster de pé uns cinco minutos, e depois deitar-me, com dôres e friagem nos ossos, com a roupa que já estava toda rasgada e apodrecida sobre o corpo. No dia 8 de Dezembro, entrou no xadrez, em que eu estava, o sargento á paisana, o qual me disse que criasse coragem, que dali a tres dias ia pôr-me em liberdade, porém, que ele tinha feito todo o possivel para conseguir das altas autoridades o consentimento para me libertar em territorio paulista, mas que tudo fôra inutil, porque desejavam levar-me longe, bem longe. Perguntou-me qual o Estado do Brazil em que eu mais preferia viver. Respondi-lhe que qualquer um me serviria, visto a impossibilidade de ser posto em liberdade em S. Paulo, contanto que saisse daquelas quatro paredes onde fiquei por espaço de 49 dias, incomunicavel. Perguntou-me si servia ser deportado para o Rio Grande e isto porque se tinham compadecido dos meus sofrimentos, diziam. Respondi-lhe afirmativamente. A' noite apareceu-me outra vez e perguntou-me si estava um pouco mais animado, pois, tinha-me encontrado muito abatido e deu-me, nessa ocasião, uma caneca de café. No dia 11 de Dezembro cortaram-me a barba e consentiram, depois de tanto tempo, que me levassem a um banheiro. Com os 20$000 que eu possuia, fizeram as as seguintes despezas: 5$000 foram gastos nos tres dias em que eu estive muito doente, com leite e a canja de arroz; 10$000, para comprar uma camisa, ceroula e um par de meias, e os cinco restantes para o automovel, (tambem pago com o meu dinheiro) que me conduzio com a escolta do sargento e o cabo, até o posto de Santos, onde me embarcaram a bordo do vapor "Sirio", deportando-me para Rio Grande — Estado do Rio Grande do Sul. Os sofrimentos que passei a bordo não os podeis imaginar, chegando em Rio Grande no dia 16 de Dezembro. Desembarquei fraco, doente, sem um vintem, sem casa, sem conhecidos, sem trabalho, e mesmo que o encontrasse estava impossibilitado por algum tempo de trabalhar, com tonteiras, emfim, num estado verdadeiramente desolador. E tudo isto porque? Porque assim desejaram as civilizadas, altas autoridades de policia de S. Paulo, na constitucional republica brazileira, onde ha leis escritas para serem respeitadas para os que nada têm, mas que servem de capachos para limpar os sapatos áqueles que tudo possuem. Os torquemadas inquisidores da policia bem sabiam que a eles tudo é licito, pois no ha juizes para eles, os juizes quasi todos são seus amigos e gente dotada dos mesmos instinctos perversos. Quando se trata de perseguir e de martirisar um inerme operario, policia e juizes estão sempre de acôrdo, os primeiros a negaiem que esteja preso, os segundos, sabendo muito bem que é mentira, conformam-se com o que lhes dizem as autoridades de policia, porque, dizem, um delegado de policia não póde mentir.

José Righetti.

Conferencias

Conforme noticiaramos a vez passada, realizaram se domingo ultimo duas conferencias em beneficio do diario da Federação, a aparecer brevemente, "A Voz do Povo".

Da primeira, efectuada na séde dos Tecelões, encarregou-se o deputado Mauricio de Lacerda. A sua oração foi ouvida e aplaudida por enorme assistencia, terminando por algumas duras verdades ditas ao proletariado, a proposito das perseguições e deportações actuaes.

Da segunda encarregou-se o camarada Carlos Dias, e efectuou-se no Centro Cosmopolita. Tambem grande assistencia.

E ambas com pleno exito monetario para os fins a que se destinavam.

O DESABAR DOS DEUSES

Não quero levantar o palacio da Idéa Nova vis a vis ao pardieiro das velhas concepções. Minha espada não dormirá emquanto não desaparecer o ultimo rival.

Levantarei, sim, o meu palacio, mas sobre as ruinas do velho templo.

E vejam lá: não é um novo templo que elevarei para no seu ambito ser adorado um novo deus — Tifon, a Energia, Dionisos ou qualquer outro — mas sim um palacio de doçura e amor dentro do qual todos os homens possam viver em doce fraternidade.

*

As religiões, estes papões inventados para refrear e aterrorizar a meninada medrosa que por ahi se chama humanidade, são curiosissimas sob o ponto de vista das substituições. O processo é o mesmo: os turcos lançam uma mão de cal nos mosaicos de Justiniano, erigem quatro minaretes nos angulos da cristianissima igreja de Santa Sofia em Constantinopla, e eil-a transformada em mesquita. Os catolicos lançam umas roupagens nas nudezas do Juizo Final de Miguel Angelo, e eis um assunto biblico-pagão transformado numa cousa cristã. Mutilam a mesquita de Cordova para adoptal-a ao culto cristão, mesquita que fôra antes de Abderâma uma igreja dedicada a S. Jorge, e anteriormente, um templo de Jano. A mesquita de Omar em Jerusalem foi transformada pelos Cruzados em igreja cristã, e depois, no tempo de Saladino, voltou ao culto musulmano. O Panteon de Agrippa, pelo acrescimo de duas torres, como o templo de Jupiter em Spalato na Dalmacia, pelo adicionamento de um campanario, passaram a ser igrejas cristãs. A estatua do imperador Trajano que encimava a celebre coluna, foi substituida pela estatua de S. Pedro. Hoje, o tumulo do imperador Adriano é o castelo de S. Angelo; daquele, existem na basilica de S. Paulo em Roma, belas colunas de marmore e alabastro. A basilica de Santa Maria Maior foi construida sobre as ruinas de um templo dedicado a Juno; idem, a igreja de Santa Constança sobre um templo de Dionisos. Quem não sabe que S. Marcos de Veneza é bizantinissima?

Leiam sobre isto a «Historia da Arte» de Ribeiro Cristino e depois concluirão que tudo passa, até mesmo os cultos e os deuses.

*

Prefiro a agitação, a amargura, produzida por uma verdade qualquer, á calma interior originada por um mito, uma religião, cuja essencia não sondei, cujos recessos não aprofundei. Isto é contra os que dizem: ainda mesmo que o catolicismo não fosse verdadeiro, que importa, si ele produz a paz interior?!

O' Homem, si tens coragem, segue-me!

*

Conheço muitos individuos que se dizem cristãos, mas no intimo não passam de pagãos sensualistas, pois o que vêm na sua religião é o lado exterior, que excita os sentidos: vélas, imagens, sons de sinos, roupagens, etc.

*

A criança é quem deveria batisar o padre, e não, o inverso: este precisa muito de alguem que lhe tire os milhões de pecados.

Existir o "pecado" numa criança! Mas que irrisão!

*

Disse-me, certa vez, um amigo teomaniaco, que eu tinha ume verdadeira teofobia. Absolutamente. Como póde haver fobia (terror), onde só existe frieza, indiferença?

*

Considero o nosso cristianismo a mais formidavel falsificação do pensamento de um genio. O que no Cristo era penumbra, sombra leve, tornou-se na Igreja treva profunda, insondavel.

Certo que ele não deixou de ter sua culpa: dogmatizando-se, julgando-se de posse da verdade...

Podre Cristo!

*

5 — Outubro — 919 — meio dia:

Estou aqui placidamente caminhando por cima do paredão da esplanada do convento de Santo Antonio do Rio de Janeiro. Nenhuma vertigem se me apodera; é que já estou acostumado ás amplidões. Não sofro de acrofobia. Ao meu lado esquerdo está o convento e a igreja (a sereia), e ao lado direito, o abismo = a duvida horrivel, a incerteza, o scepticismo.

Estremeço; vejo nisto um simbolo: assim viveu durante mais de 7 anos, o meu cerebro — sem querer a Igreja com sua afirmação absoluta, nem o Nihilismo com sua negação total.

Entro na igreja. Lá está um S. Francisco de Assis, hediondo, no leito de morte, cercado de uma chusma de frades imundos.

Tapetes caros, flores e mais flores, dourados e mais dourados, riquezas pagãs, e luz nenhuma. Sujeira e escuridão... Uma baça claraboia a iluminar o altar-mór... A luz coando-se pelos vitraes, em vez de entrar em jorros... Trevas... Isto lembra a Inquisição.

Individualidades como Cristo ou Francisco de Assis só podem ser amadas lá fóra na luz, e não, adoradas cá dentro, nesses focos de imundicie.

Adorar homens!

Pensamento que transige para vencer, pensamento morto; plano inclinado. O culto das imagens, isto é, a antropomorfização dos tipos lendarios ou a idolatria pelos tipos hisoricos ligados ao cristianismo, foi um golpe de estadista, porque as coisas abstractas entram dificilmente na alma das multidões, mas não foi de apostolo.

Nada disto me fala no intimo; permaneço frio dentro das igrejas, o que não sucede quando leio São Matheus. Tudo nos templos me parece uma farça, uma caricatura indecente. Indecencia, sim!

E' inegavel o crepusculo do catolicismo. Quantos anos ainda durará sua agonia? Não se sabe. Poderá até durar muito tempo. Si a agonia de um homem ás vezes é prolongada, quanto mais a agonia de uma idéa. E que idéa! um edificio que levou mais de 300 anos a ser construido (Constantino), e mais de 14 seculos a ser solidificado, e que depois de um certo desaprumo — Revolução Franceza — quasi voltou á solidez anterior.

Felizmente, a impulsão originada pelos enciclopedistas não se poderia perder. São sementes de vitalidade incomparavel. E, por isso, vemos ha mais de um seculo a Igreja receber marretadas terriveis e colocar escoras e remendos no seu solarengo casarão de 2.000 anos. Em vão!

Ai do proprietario que se vê obrigado a concertar siquer uma parede, a substituir um tijolo: porque mostra que o ecificio não vai bem.

Tanto cupim penetrou no madeirame da Igreja; tantas intemperies cairam; tanto mandacarú bravio cresceu sobre sua cobertura, e mais imbaúbas selvagens nas paredes e gameleiras de raizes perfuradoras; surgiram tantas goteiras ao lado do limo visguento, tantas lagartixas e catengas; tantos buracos têm sido tapados com mulambos e ha tanta tisica moral e intelectual nesse ambito — que eu, filho dele, creado nele, receei que o casarão ceisse antes de tempo, e para não ficar esmagado sob seus escombros, abandonei-o. Não foi uma debandada, porque quem deixa um lugar infecto onde o ar está confinado, pela pureza do espaço, pela serenidade da natureza onde tudo é limpido, não foge.

Qando cairá o edificio? Não se sabe.

Poderei até tombar antes dele, mas não será em vão o sulco dos meus golpes, o vestigio das minhas marteladas.

Os factos sociaes dependem de mil factores e mil acidentes. Prever? Dificilimo.

A corrente sociologica é um rio que qualquer obstaculo muda de curso: por ex., a victoria do paganismo sobre o cristianismo poderia ter surgido no seculo 16, mas Luthero desviou o curso dos acontecimentos, de modo que o cristianismo novamente ganhou terreno.

Mas que ninguem duvide: o catolicismo vai em declinio.

*

Camarada Cristo:

Eu que não te adoro, que não te chamo "Senhor" nem "Deus", que não te elevo templos nem te festejo com zabumbas, foguetes ou procissões estrondosas, que não escrevo teu nome com maiusculas rendilhadas e espalhafatosas, amo-te de coração e comprehendo-te melhor que os teus servidores de batina: tenho-te no cerebro, mas os padres, na bolsa.

*

Leio em Tiberghien (Prefacio dos "Mandamentos" de Krause) "que se póde admitir a existencia de Deus, a imortalidade da alma e a necessidade da religião na vida individual e social, sem abdicar a razão e sem cessar de ser livre pensador".

A razão não póde aceitar aquilo que ela não analizou, que não conhece as bases, nem sondou os recessos.

*

Tiberghien quer uma «religião natural», uma religião «conforme a natureza humana».

Mas si a natureza humana nem é boa, nem é má, como se pode obter uma religião natural?

Tiberghien e o proprio Krause sempre me pareceram dois espiritualistas mediobres.

*

Não preciso nem de sanção, nem de obrigação, para proceder bem.

Isto que quer dizer? Que o tipo evoluido não necessita de castigos ou recompensas, de esperanças em Deus ou num Alem Mundo, para marchar direito.

Consequencia: precisamos educar os tipos inferiores, dar-lhes uma larga cultura cientifica e filosofica, fazer-lhes sentir a tranquilidade, o bem estar interno que uma Moral superior produz, e não lhes encher as cabeças com quinquilharias teologicas, patarata de céo e inferno, bugiganga de vida futura, enxertos de imortalidade da alma, de juizo final e outras aberrações, imbecilizando-os, inadaptando-os a proceder bem, por uma simples questão interior, como fazem os tipos evoluidos.

*

Que ordem se poderia entrever no mundo sem Deus? pergunta Tiberghien. E eu respondo:

A melhor possivel. Pois esse mito só tem produzido na pratica, crimes, desordens, dissenções.

Axioma: As maiores infamias que a Historia menciona foram cometidas exactamente por aqueles que se diziam não sómente crentes em Deus, mas representantes de Deus!

*

Sinto por todas as religiões, sem exceptuar uma só, a mesma repugnancia que experimento por tudo quanto é sujo, putrefacto.

*

Nunca ouvi falar de coisa mais vaga, nebulosa, irreal, do que o tal *ens realissimum*, Deus, esse lendario Preste João das Alturas.

*

Nossa educação predispõe-nos a automatos: tipos que não crêm mais no catolicismo continuam a ir á Igreja, para que seu afastamento não choque a familia, a sociedade.

Não comprehendem que a uma nova concepção moral, religiosa ou filosofica, corresponde um novo modo de viver.

*

Os religiosos sempre afiam no *outro mundo*; mas são rarissimos os que querem abandonar o nosso mundo. Prova de que este não é uma utopia vã...

*

Quando os padres egipcios queriam isentar as suas terras de impostos e tornal as inviolaveis, diziam que elas tinham vindo da deusa Isis.

Quando os politicos modernos querem trabalhar para si, dizem que estão trabalhando pela patria.

*

Entre uma procissão grega, como a das Panatenêes, e uma catolica, a diferença está apenas na fórma; o fundo é identico. Nós, modernos, andamos a vestir de fórmas novas as velhas idéas dos antigos. A escadaria marmorea que conduzia ás Propileas, vestibulo do Areopago, lá está na escadaria que nos leva ás portas de muitas catedraes catolicas. Entre a véla do matrimonio catolico e o fogo sagrado da casa do noivo, na Hélade, não ha diferença.

*

— Porque piam tanto nas torres das igrejas, as corujas alvadias?

— E' porque estão lastimando o esboroar do presente.

— Que vaticina esse chilro tristonho, esse oraculo agourento?

— O crepusculo do catolicismo!

*

Idolos, tremei! Porque meu verbo é simum da Libia: por onde passa, deixa o campo raso, talando as hervas nocivas.

*

Choras pelos mortos, desesperas-me? Isso era bom para os cristãos...

*

Das tres virtudes teologaes, nenhuma resistiu ao meu camartelo: fé e esperança nas cousas naturaes. Quanto á caridade, é uma ofensa: o humilde merece por justiça, por direito, aquilo que o poderoso lhe concede por «caridade», por «esmola» por «compaixão.»

Salomão

O ADMIRAVEL ESFORÇO DOS SOVIETS EM MATERIA DE SAUDE PUBLICA

Estupenda lição para este «vasto hospital» que é o Brazil.

Mais que a nenhum outro paiz, ao Brazil deve ser dada como lição a obra admiravel dos Soviets Russos em materia de higiene publica. Como o Brazil, era a Russia, em tempos da dominação burgueza, um «vasto hospital». Hoje, graças ao trabalho imenso executado pelo comissariado de higiene publica, é a Russia bolchevista uma terra saneada, em pleno revigoramento de saude e de força. Oferecemos a lição a Geca Tatú...

Desordem de hontem Ordem de hoje

O nivel extremamente baixo da higiene na Russia, a porcentagem formidavelmente elevada das molestias da população, as epidemias constantes causando verdadeiras devastações em todo o territorio imperial, tudo isso constituia uma triste particularidade da Russia czarista, e, durante os ultimos vinte anos fazia um singular contraste com o rapido desenvolvimento economico da Russia e com o progresso da consciencia politica das massas. Nenhuma legislação sanitaria existia então e toda a medicina se achava confiada, fóra dos medicos legaes, reduzidos ás suas funções policiaes, ao arbitrio das administrações locaes e dos zemstvos.

O governo de Kerenski nenhuma medida real tomou neste sentido, si bem que a guerra tivesse consideravelmente feito peorar a situação e desenvolver espantosas epidemias de tifo e de variola. Somente a revolução de Outubro instituiu o comissariado da higiene publica, cujo fim consiste na concentração de todo o trabalho medico e sanitario do paiz num só orgam central.

A luta contra as epidemias Os resultados obtidos

Actualmente a medicina civil, judiciaria, militar, escolar, a das vias de comunicação, bem como a luta contra as epidemias, fundiram-se num orgam unico, munido de todos os créditos, pessoal e instituições necessarias. Após um ano de trabalho, a Russia, tendo começado infinitamente mais tarde que a Europa ocidental, passou de muito já esta ultima.

A luta foi energicamente emprehendida contra as epidemias, flagelos da Russia sob o antigo regimen e durante a guerra imperialista. O comissariado fez a sua primeira campanha contra o cólera em 1918. A epidemia, graças ás medidas heroicas ordenadas e aplicadas, atacou apenas 35.000 pessoas em lugar de 200.000 em 1908.

Contra o tifo Uma grande descoberta

Depois da gripe hespanhola, apareceu o tifo que atingiu maior intensidade na primavera deste ano. Apezar do numero consideravel de doentes, a mortalidade foi extraordinariamente baixa, atingindo apenas 6 por cento.

O comissariado empregou nessa campanha um crédito de 200 milhões de rublos. Organizaram-se sómente na cidade de Moscou 9.000 leitos de hospitaes para os tificos, e no districto de Moscou mais de 10.000.

Medidas especiaes para assegurar a higiene corporal, abertura de banhos, de estabelecimentos de desinfecção postos á disposição do publico, foram aplicadas por toda a parte.

Ao mesmo tempo, o comissariado favoreceu a iniciativa das forças medicas no dominio da seroterapia e da vacinação antitifica. Créditos consideraveis foram facultados para a creação de uma comissão de estudos sobre o tifo. A 3 de julho, realizou-se uma sessão solene da Sociedade de Bacteriologia, na qual o famoso sabio Martsinovski leu um relatorio historico sobre os trabalhos que o levaram á descoberta do microbio do tifo exantematico. A epidemia está agora inteiramente jugulada.

Contra a variola Iniciativas cientificas

Contra a variola o comissariado tomou uma medida radical e decisiva, julgada até então inaplicavel na Russia — a vacinação obrigatoria decretada em 10 de abril ultimo. Ao mesmo tempo, consideraveis créditos se consignaram, avultadas doses de vacina foram gratuitamente expedidas para as provincias, cursos de vacina foram organizados. Toda a Russia bolchevista beneficia actualmente destas medidas.

Socialização dos serviços medicos e farmaceuticos

No que concerne ao serviço dos hospitaes e ambulancias, o comissariado agiu com a maior energia, colocando-os a cargo do governo. Um crédito primitivo de um milhão trezentos mil rublos foi repartido entre as provincias.

As farmacias socializadas foram entregues aos serviços sanitarios dos Soviets. O comissariado forneceu-lhes directamente os medicamentos dos seus depositos. A nacionalização das farmacias já conseguiu consideraveis e imediatas vantagens para o publico, quer quanto á qualidade dos medicamentos, quer quanto ao seu preço.

Higiene domiciliar e infantil

A 1 de de junho foi publicado um decreto sobre a proteção sanitaria dos locaes habitados. Este decreto, que ultrapassa infinitamenta quanto se tem feito no mundo sobre a materia, institue em toda a Russia uma inspecção sanitaria das habitações. Para isso organizaram-se cursos destinados a preparar inspectores domiciliares, e publicaram-se manuaes especiaes.

Uma estação modelo de purificação das aguas funciona actualmente em Moscou.

Um decreto institue o cuidado gratuito das crianças sob a vigilancia sanitaria das secções sanitarias locaes.

Existe em Moscou um [illegible]to de cultura fisica, cujos trabalhos são estreitamente coordenados com os da secção de higiene escolar.

Ciencia e medicina Organização moderna

O comissariado agrupou sob a sua direção a medicina militar e naval e dos caminhos de ferro e vias fluviaes. A fusão desses diversos serviços deu resultados muito apreciaveis na luta contra os epidemias. Secções especiaes de psiquiatria e de arte dentaria, de radiografia e de hidroterapia encontram-se em pleno e proficuo trabalho.

O comissariado, consciente da importancia advinda da propaganda dos conhecimentos higienicos, organizou uma secção especial de instrução e edições medicas. Organizou em Moscou um museu de higiene social, exposições sobre as molestias contagiosas e publicou uma serie de brochuras populares sobre diversas questões de higiene em edições de varios milhões de exemplares. Desde maio se encontra aberto ao publico, em Moscou, uma biblioteca central de medicina, contando mais de 30.000 volumes.

O comissariado convocou dois congressos de bacteriologia e de epidemiologia, dois congressos das secções sanitarias locaes, uma confererencia farmaceutica, uma conferencia dentaria, uma conferencia de higiene escolar. Um instituto central de saude, comprehendendo actualmente quatro secções, constituirá o estabelecimento cientifico superior da Republica no dominio da higiene, da epidemiologia e da bacteriologia.

«Via Libre»

E' este o titulo de mais uma nova revista libertaria que se publica na Argentina.

«Via Libre»—publicacion mensal de critica social—contém sempre farta e excelente colaboração de actualidade, e é dirigida pelo camarada Santiago Locascio.

Endereço: Azcuénaga 16, Buenos Aires. Assignrturas para o exterior um ano, 2 pesos ouro.

O Futuro da China

Quatrocentos anos ha que os mandchús invadiram e conquistaram a China, e desde então foi este paiz dominado pela dinastia mandchú. Os conquistadores tomaram medidas de repressão contra o povo, assim como impuzeram a moda do seu vestuario e o costume do cabelo em rabicho. Todas as posições officiaes passaram ás mãos dos conquistadores ; porém, no decorrer do tempo, muitos chinezes foram eleitos para servir os interesses dos dominadores mandchús. De tal fórma se estabeleceu uma poderosa burocracia.

Fatalistas, os chinezes aceitaram os mandchús como dominadores predestinados e humildemente se submeteram á opressão e á expoliação. Jamais discutiram o direito dos dominadores, embora odiassem os mandchús como conquistadores estrangeiros, e pelos anos em fóra, gerações e gerações, continuavam servindo como escravos. Durante muito tempo mostraram-se quasi indiferentes ao governo. Naturalmente não lhes agradava pagar impostos aos mandchús ; mas o governo inventava mil modos de obter dinheiro e continuava vivendo luxuosamente em Pekin.

Aos governadores locaes ou provinciaes, em numero de 18, foram dados plenos poderes e cada um deles governava segundo o seu arbitrio, autocraticamente, impondo e regulando os impostos nos respectivos territorios. Assim, o povo chinez e os dominadores permaneceram completamente separados ; jamais existiu simpatia entre eles; mas do povo sahiam, por concurso, os candidatos para as mais insignificantes posições burocraticas, formando-se, de tal modo, uma ligação entre governantes e governados. Por esta fórma os mandchús se apoderaram do elemento mais inteligente do povo, manejando-o ao seu talante. A um que outro joven ambicioso se confiava um cargo governamental, prevenindo de cima, qualquer movimento de descontentamento entre o [illegible] as massas, privadas da[illegible] que poderiam ser os seus leaders, perderam para sempre a esperança de libertar-se do jugo dos mandchús e submeteram-se a eles como a um destino fatal da sua vida.

O feitiço deste fatalismo rompeu-se com a guerra de 1894 contra o Japão. O todopoderoso e divino Imperador, mais o seu exercito foram miseravelmente derrotados pelo desprezivel exercito japonez, batalha a batalha. A China suplicou finalmente a paz, pagando uma enorme indenização ao Japão e conseguindo apenas resgatar o seu territorio com a ajuda da Russia e da Alemanha. Desde logo, porém, estas duas potencias estabeleceram na China a sua esfera de influencia.

O derrota completa sofrida na guerra com o Japão e a subsequente preponderancia estrangeira da Russia e da Alemanha sacudiram o longo letargo chinez e desmantelaram, ao mesmo tempo, a dominação mandchú.

Os chinezes tinham até então uma fé quasi religiosa no governo, mas esta fé se debilitou. Eles começaram a dicutir o seu poder e a estudar a situação real do paiz, e finalmente projectaram uma revolução para destruir a dinastia mandchú.

Desde logo o movimento revolucionario se dividiu em duas partes : *Os defensores da nação* e a *Associação da joven China*. Ambos os partidos encontraram caloroso apoio nos chinezes meridionaes. Os primeiros eram monarquicos constitucionaes, emquanto que os outros possuiam um caracter mais revolucionario.

O governo de Pekin, percebendo o despertar das massas, esforçou-se em prevenir o novo movimento, fazendo ingressar alguns leaders liberaes no gabinete e inaugurando varias reformas. O antigo serviço civil e o sistema de exame foram abolidos ; estabeleceu-se uma universidade em Pekin, enviaram-se centenas de estudantes aos paizes ocidentaes e prometeu-se ao povo um parlamento nacional. Os reacionarios, porém, apoderaram-se do movimento e tentaram destruir as refórmas. Yuan Shi Kai se fez o leader dos reacionarios, e a rebelião Boxer de 1900 foi fomentada para excitar o povo contra os estrangeiros.

O numero de estrangeiros na China é pequeno e compõe-se de duas classes : missionarios e commerciantes, incluindo peritos de varias especies. Os missionarios constituem "a vanguarda dos agentes do capitalismo" e são odiados pelos chinezes. A rebelião Boxer foi uma grande desgraça para a China, não tanto por ter proporcionado ás potencias estrangeiras a oportunidade de invadir o paiz, mas por colocal-o em grande aperto para pagar as indenizações exigidas.

Firmada a paz, subiu ao poder o partido constitucionalista e com ele se desenvolveram por toda parte do paiz as tendencias radicaes, até que em 1911, finalmente, a primeira revolução derrotou e destronou completamente a dinastia mandchú. Mas a revolução não prehencheu os seus objectivos principaes. Os leaders revolucionarios formaram um governo republicano em Nung King e para o seu primeiro parlamento foi eleito Presidente Sun Yat Sen. Os revolucionarios foram, porém, incapazes de conquistar Pekin, e afinal se comprometeram a firmar a paz com o governo de Pekin. Em pouco tempo perderam tudo quanto haviam ganho no sul da China, levados pelas intrigas de Yuan Shi Kai, leader reacionario, a quem se outorgou poder para suprimir qualquer movimento liberal, e isso mercê do emprestimo estrangeiro por ele negociado.

O Sul da China é muito diferente da parte Norte do paiz. O Norte é aristocratico e tem a sua posição ideal de governo em Pekin. Os meridionaes são industriosos e progressistas ; os seus filhos emigram para toda parte e de regresso trazem dinheiro e idéas de todo o mundo. Os comerciantes do Sul têm no mundo vastos negocios e relações e conhecem ás vezes o caracter dos governos ocidentaes, e aqueles que experimentaram a vida de imigrantes em paizes estrangeiros, onde sofreram perseguição e desprezo, voltaram mais nacionalistas que o chinez do Norte, no sentido de libertar o paiz da dominação do dinheiro estrangeiro. Foram os comerciantes do Sul e as condições de vida do imigrado que os fez os mais entusiastas sustentaculos da revolução, financeira e pessoalmente ; regressavam á China para participar no movimento. Deste modo a primeira e segunda revoluções foram suscitadas no Sul e a terceira ou presente revolução estabeleceu um governo separado no Sul da China.

Os chinezes meridionaes são socialistas em politica, ou pelo menos a maioria dos leaders revolucionarios se inclina para o socialismo, desejando que as minas, as ferro-vias e as grandes industrias estejam em poder do governo, antes que em poder de emprezas estrangeiras, sendo esta a causa da antipatia dos capitalistas estrangeiros e seus governantes pelo Sul, ao passo que o governo de Pekin, que sustentou por muitas decadas a influencia desses capitalistas graças aos emprestimos em dinheiro, é por sua vez sustentado e auxiliado financeiramente pelos governos estrangeiros nos seus ataques para apaziguar os rebeldes do Sul. Deste modo, a presente situação na China consiste num conflicto de interesses entre o Norte e o Sul.

A China do Norte tem uma posição dominante devido ás honras e aos altos empregos estabelecidos pelo poder reinante ; mas o paiz é pobre em recursos naturaes, tão pobre que, sem o Sul, o Norte luta com dificuldades para sustentar o seu governo e satisfazer os créditos estrangeiros.

O Sul da China, ao contrario, possue uma vasta população e riquezas naturaes inexploradas. Os meridionaes desejam um governo separado, proprio, e si pudessem subjugar o governo de Pekin não lhes seria isso facilmente consentido pelos poderes estrangeiros, que muito dinhero hão emprestado a Pekin e não poderão cobral-o sem o Sul ; além do que perderiam futuramente a concessão de um campo rico á sua exploração, pois o Sul se opõe á dominação do dinheiro estrangeiro.

A revolução chineza não será facilmente completada pelas suas necessidades nacionalistas, mas sim por uma solução internacional.

O Japão tem os seus desejos de dominio, tanto politico como financeiro, sobre a China. As massas joponezas, porém, manifestam simpatia pela Cbina do Sul, e o olfacto dos comerciantes japonezes claro está que tem motivos para acompanhar essa simpatia. O governo japonez e os imperialistas já se vê que mostram simpatia pelo governo de Pekin ; a Mandchuria se inclue na esfera da sua influencia e a Mandchuria está situada perto da Coréa. Por isso o Japão sustentará por algum tempo ao governo de Pekin. Mas por fim o sul da China triunfará ; o Japão terá que o reconhecer e firmará tratados ; de outro modo o Japão será no futuro destruido pelo despertar da China.

Em Coréa e Formosa tem o Japão que enfrentar um problema tremendo. Os povos dessas regiões têm naturalmente as vistas voltadas para a China e esperam que esta os salve do dominio niponico, e si o Japão não modifica radicalmente a sua orientação, eles se sublevarão. Especialmente na Coréa é isto uma verdade indiscutivel. Os coreanos reconhecem actualmente que não podem conquistar a independencia pela graça do Japão ou pelos manejos de paizes estrangeiros, embora as condições presentes da Coréa sejam propicias ao bolchevismo. Em futuro proximo a Coréa olhará com simpatia e ajudará o Soviet da Siberia e não muito remotamente avançará para a meta da sua independencia com o apoio do forte despertar chinez. A China agirá tambem sob a influencia da revolução russa.

Sob muitos pontos de vista o futuro da China será um campo de observação dos mais interessantes. Todos os planos traçados em conjunto pelo governo de Pekin e os capitalistas estrangeiros, já em vias de realização ou a realizarem-se em futuro proximo, serão varridos pela estupenda onda que avança por obra da revolução russa.

Todo o longiquo Este será do socialismo, apezar dos gigantescos projectos das grandes potencias. E' uma consequencia do desenvolvimento inevitavel das presentes condições do paiz e do poderoso movimento do proletariado de todas as nações, que estabelecerá a grande Federação Republicana Socialista do mundo inteiro.

Sem Katayama.

Uma vergonha !

Ha coisas tão formidavelmente abstrusas, que a gente, ao seu conhecimento, chega a duvidar da inteireza do proprio juizo... Esta, por exemplo, de manifestação operaria ao Sr. Epitacio em regosijo pela revogação do decreto que expulsou Everardo Dias, é das taes e mesmo mais formidavelmente abstrusa que as mais abstrusas.

Varias associações de classe (é bem de ver que não são as que compõem a Federação dos Trabalhadores) aproveitaram — é textual — "a data do ano novo para protestar ao Exmo. Sr. Dr. Epitacio Pessoa a mais simpatica adesão por haver revogado o decreto de expulsão do seu companheiro (sic !) Everardo Dias..."

Isto é uma vergonha sem nome !

Ao se dar a infame deportação de Everardo, precedida de infamissimos maus tratos pessoais, torturando-o pela fome e a sede e humilhando-o pela chibata vil, nenhuma dessas associações se manifestou, nenhuma protestou, naturalmente tambem solidarias com a perseguição aos «anarquistas estrangeiros».

E agora, cedendo o governo á pressão da opinião publica comovida pela campanha de dois ou tres deputados, — e citemos entre eles, sem favor, o Sr. Mauri[illegible]io de Lacerda, intemerato e tenaz —, da maçonaria e nossa, dos nossos centros anarquistas e da nossa imprensa anarquista, unica voz dissonante e clamorosa em meio do geral abastardamento jornalistico burguez, — é agora, quando o governo cede á campanha e recúa, voltando atraz da infamia praticada, que essas associações se manifestam para — para que, deuses de misericordia ? — para protestar simpatia ao governo !...

Estupendo ! Estupendo !

Mas nós podemos falar aqui em nome de Everardo, companheiro anarquista nosso e jamais companheiro de rebanhos de castrados, e em seu nome podemos afirmar que ele recusa enojado a solidariedade dos sabujos e inconscientes.. E comnosco ele ha de gritar a vida inteira :

— Abaixo os verdugos e os tiranos do povo !

Grupo Comunista Brazileiro "Zumbi"

Tendes amor á terra em que nascestes ? Desejais que ela venha a fulgurar ao lado das outras patrias na aurora que começa a despontar para a Humanidade ? Desejais um Brazil grandioso, sem amos nem escravos ?

Desejais contribuir com o vosso apoio moral para combater os males que nos infelicitam, que nos degradam, como o analfabetismo, a politica, o alcoolismo, a prostituição e o desfibramento das energias juvenis ? Crêdes como nós que no Brazil, como no mundo, nem tudo está perdido ? Crêdes num futuro mais belo ? Numa vida digna de ser vivida ?

Alistai-vos imediatamente como socio do «Grupo Comunista Brazileiro «Zumbi».

Este é o nome do admiravel Spártacus negro da nossa Historia, que reuniu em torno de si um grupo de escravos rebelados e formou a Republica dos Palmares.

Seu nome será a bandeira dos que se rebelam contra o jugo do sindicato politico, clerical e industrial em cujas garras o nosso amado Brazil se debate.

Dentro em pouco filial-o-e-mos ao «Grupo Clarté», de Paris. E os brazileiros poderão colaborar com os intelectuaes de todo o mundo no advento da Republica Universal, «fóra da qual não ha salvação para os povos.»

Contra a dictadura republicana, contra o predominio da burguezia sobre as outras classes, contra o culto das incompetencias, contra a exploração organizada, contra a mentira oficial.

Pelo homem livre sobre a terra livre, pela emancipação da mulher, pelo culto á creança, que é o homem de amanhã, pela abolição dos privilegios de classe, pela ordem proveniente de um mutuo accôrdo entre os homens, pela Republica Universal onde todos trabalhem e onde todos tenham direito á vida.

Desejamos socios correspondentes em todo o Brazil. Já se estão organizando nucleos em todas as cidades da Republica.

Nucleo Organizador — Caixa Postal 1936. — Rio.

Congresso Internacional de Intelectuaes

A organização da Internacional do Pensamento entra numa fase activa e constructora. O Grupo «Clarté» tomou a iniciativa de reunir em Congresso os intelectuaes independentes de todos os paizes, o qual se realizará em Berna, num dos primeiros mezes de 1920 proximo.

Serão convidados, além dos membros do comité director de «Clarté», os representantes dos movimentos similares da Europa e da America, bem como todos os escritores, artistas e sabios que lutam pela mesma causa que o grupo «Clarté».

Todas as questões que visem melhorar o restabelecimento das relações internacionaes, e principalmente as que se relacionem com a liberdade do pensamento, serão levadas á ordem do dia.

O grupo «Clarté» declara que o seu papel, nesse projectado Congresso, é apenas o de iniciativa e convocação.

Todas as comunicações sobre este assunto devem ser endereçadas a «Clarté», 12, rue Feydeau, Paris.

Cabe aqui uma pergunta : os intelectuaes do Brasil ?

E' uma desolação... Estão, na sua quasi totalidade, ou inteiramente alheios a esse movimento internacional, ou já definitivamente alugados aos poderosos do mando e do dinheiro. Que triste figura fazeis, jornalistas, publicistas, poetas, artistas, sabios do Brazil !...

Sabemos, no entanto, por honra nossa, que o grupo «Zumbi», recentemente fundado entre nós por alguns modestos trabalhadores do pensamento, convocará a uma reunião os raros intelectuaes independentes que nos restam para tratar desta importante questão. E não será impossivel enviemos a Berna um representante.

Assim como, no dominio material, a verdadeira lei biologica está na associação e cooperação de individuos da mesma especie para a luta contra as dificuldades do meio onde se encontram, assim não ha entre nações divisões reaes fisicas ou moraes, mas unicamente maneiras diferentes de comprehender a vida. — NORMANN ANGELL.

ERRATA

São inevitaveis nos jornaes os erros de revisão, por mais rigorosa que ela seja. Mas os galos, pois que inevitaveis, são mais ou menos toleraveis nos trabalhos em prosa. Em verso é que positivamente não se admitem. E nós somos, na revisão deles, mais que rigorosos, rigorosissimos. Contudo... lá escaparam, no soneto de Renato Arantes, aqui publicado a vez passada, dois graves erros. O verso :

E brame, e agita, e cospe a face dos tiranos

deve ser :

E brame, e grita, e cospe a face dos tiranos

E o verso :

Um continuo estalar de grilhões, perseguido

deve ser :

Um continuo estalar de grilhões, proseguido

MEU ESTANDARTE

> Yo soy tragico laurel. — *Almafuerte.*
>
> Combatentes pela Liberdade, despertai, brandi, brandi bem alto a bandeira.
> *Shelley*

Eu mesmo nada sou : fragmento... bolha... sopro...
Homem simples... rapaz ingenuo... moço fraco...
Mas o que ha de estupendo é esta minha alma — escopro
Que lavra na alma vil do Paria a alma de um Graccho !

Minha alma é de vidente, apostolo ou profeta,
Heroe, reformador, rebelde, visionario,
Guia das multidões, clamor de genio, poeta,
Cinzelador de um novo e altivo lampadario.

Minha Bandeira é contra escravos, contra leis,
Contra os ministros, contra os principes e os reis;
Contra a inercia, a lisonja, a fraude, a letargia,
Contra o açambarcamento, o crime, a covardia,
Bandalhos e ladrões, messias é sandeus,
Contra o erro, contra o mal e contra o velho Deus !

Deus, mentira prégada á triste Humanidade,
Fantasma, inquisidor das tragicas alturas,
Afirmação do mal, a tréva, a iniquidade,
Deus que nunca sentiste as nossas amarguras !

Meu estandarte quer e anceia a abolição
Do monopolio abjecto e todas as violencias;
A extinção de cardeaes, de papas, de eminencias,
E quer a universal desapropriação.

Bardo de um canto vivo, extranho, singular,
Sinto em mim o tropél das multidões, dos povos:
E é por isto que em minha orquestração de mar,
Ha vibrações astraes, deslumbramentos novos.

Sentinela do meu torrão primaveril,
Marco o roteiro ideal ao povo heroico e impávido;
Sou terrivel tufão oposto ao banqueiro avido,
E macio terral ao pobre ou paria ou humil.

Vagabundo através dos tempos, das cidades,
Meu verbo só palpita em meio ás tempestades.
Revelador do Ritmo e lavrador da Rima,
Voa o aeroplano céos abaixo, céos acima.
Quer meu verbo o auditorio afim dos vendavaes,
Verbo — aeronave a alçar-se aos intersideraes !

Desejo levantar a Plebe miseravel,
Quero a aristocracia astral da multidão,
E anceia apenas meu designio formidavel:
Elevação, elevação, elevação !

Scipião Fogaréo

Um conselho

Ao Sr. Carneiro Leão, a quem aliás não tenho a honra de conhecer, permito-me trazer aqui algumas considerações que me foram sugeridas pela leitura de seu artigo publicado no *Jornal* de 27 de Dezembro proximo findo.

Diz o ilustre articulista falar em nome de cinco milhões de crianças brazileiras, em cujas veias corre o mesmo sangue que revigora o espirito eleito da respeitavel consorte do presidente Epitacio, a quem, tentando fazer vibrar as cordas do sentimentalismo feminino, dirige o Sr. Carneiro Leão um esclarecido apelo, que, embora o acredite sincero, acho-o, contudo, sem cabimento.

E dir-lhe-ei porque.

Porque não acredito que a dôr humana, a dôr que assoberba as multidões famintas possa ser minorada dentro da organização social em que vivemos; pelo contrario, afirmo, e comigo todos os homens de bom senso, que a causa de todos os grandes males que nos assediam provém justamente dos erros dessa organização; por esta razão bem convencido estou de que, para alcançarmos o bem estar a que temos direito, precisamos destruir este mecanismo social e erguer um novo sistema cujas bases assentem na verdadeira solidarfedade humana.

Esta é que é a verdade. Tudo que se tentar fazer neste sentido, será méro paliativo porque não é possivel eliminar o efeito sem destruir primeiramente a causa.

Provavelmente S. S. é um honrado burguez, bem instalado na vida, a coberto das privações e das vicissitudes que têm esses cinco milhões de criancinhas e, si assim fôr, como o creio ser, acho-o mau patrono para tão complicada causa, porque para resolvel-a, nós, trabalhadores, pois que somos dessas criancinhas famintas e esfarrapadas, analfabetas e raquiticas, é que devemos agir, não implorando mas exigindo, não suplicando mas impondo.

Porque, é necessario que se diga, essas crianças maltrapilhas e esfaimadas são os nossos filhos, são os desgraçados filhos dos trabalhadores, productores de toda a riqueza que existe neste grande Brazil, e, como nós, proletarios, vivemos sobre o guante opressor do capitalismo explorador, precisamos primeiramente sacudir para longe o jugo que nos oprime, exterminando o capitalismo, esse monstro de fauces hiantes, sorvedoiros de todo o nosso esforço e de nossas vidas.

A directriz a seguir nós sabemol-a, e, quem quer que seja vindo do campo oposto ao nosso, será recebido por nós com as necessarias reservas e cautelas...

Terminando, venho, pois, dizer ao Sr. Carneiro Leão que se abstenha de patrocinar junto a governos as causas cujas soluções estão unicamente nas mãos do povo e, como essas entidades — povo e governo — estão cada vez mais em antagonismo, será um acto de prudencia e de previdencia não tentar pôl-os em contacto, porque, segundo os exemplos que nos são patenteados pela Europa actual, os atrictos desses corpos aceleram a explosão das massas, o que determinará, fatalmente, o triunfo do mais forte, que sabemos qual é, e o exicio do mais fraco, que tambem não ignoramos quem seja...

Y-Juca Pirama

O "sigilo" da correspondencia

Mais uma vez fomos informados, com segurança, que a nossa correspondencia epistolar sofre censura nos correios.

Isto é inqualificavel. Acreditamos que o facto seja verdadeiro. Mas como qualifical-o.

Não se comenta semelhante vileza. Só ha que esperar pelo correr dos dias e aguardar a nossa hora...

— *Uma moral individual que não vise a moral social, uma moral social que não beba os seus principios na moral individual, são apenas pura ilusão.* — EMILE JANVION.

A AÇÃO BOLCHEVISTA

UM PUNHADO DE INFORMAÇÕES E NOTAS VARIAS

Proclamações de Trotski

O *Daily Herald*, de Londres, registra algumas das interessantes proclamações de Trolski ao exercito vermelho. Damos a seguir duas delas, como especimens.

Em fins de outubro:

«Foi executada a primeira parte da tarefa do Exercito Vermelho. O inimigo foi posto em fuga, voltando as costas a Petrogrado. A capital vermelha proletaria está fóra de perigo. Todos, desde o chefe do exercito ao mais bisonho dos soldados, cumpriram o seu dever, merecendo a gratidão da Patria Socialista.

Agora é preciso levar a cabo com o mesmo exito a segunda metade da tarefa: o aniquilamento do inimigo.

Na realidade, a situação do general Yudenitch não é desesperada. Podia temporariamente salvar-se havendo demora da nossa parte. O dever do exercito é concentrar, tender todas as suas forças para perseguir os bandos meio derrotados, avançar, levar o inimigo diante de si, ir-lhe no encalço.

Soldados, chefes, comissarios do Exercito Vermelho! O governo dos Soviets espera de vós a maior concentração de forças. Avante! Não deis ao inimigo tempo para repousar: expulsai-o, subjugai-o, batei-o infatigavelmente. A hora do descanço vira quando estiverem destruidos os seus ultimos restos».

Dias depois, em principios de novembro, era dirigida ás tropas esta nova proclamação:

«O Governo dos Soviets está vencendo os proprietarios, capitalistas e generaes czaristas em todas as frentes. Na Siberia, derrotamos e fazemos recuar Koltchak. As nossas tropas acercam-se de Omsk. Denikine bate em retirada sob a pressão do Exercito dos Operarios e Camponezes. As tropas vermelhas avançam sobre Gdoff.

Escutai, involuntarios soldados do general czarista Yudenitch: os vermelhos fazem-vos um cerco cada vez mais apertado. Contra vós está concentrada uma poderosa artilharia, comboios e automoveis blindados e tanks da fabrica de Petrogrado.

Ha só uma salvação para vós. O Exercito Vermelho luta unicamente contra os grandes proprietarios terreaes e os capitalistas. Passai-vos para o nosso lado. Varrei os chefes que vos impedem de o fazer. Sereis acolhidos como irmãos».

Uma republica de crianças

Todos os que visitaram a Russia socialista se mostram impressionados com o cuidado especial dedicado ao mundo infantil.

As crianças são alimentadas e vestidas gratuitamente. Certos alimentos, como o chocolate, são-lhes reservados. Para elas se fundam sanatorios, colonias de verão, teatros. Empregam-se todos os esforços para as subtrahir aos efeitos do infame bloqueio mantido pelas burguezias.

O problema da educação, como já tivemos outras ocasiões de mostrar, mereceu á Russia nova as maiores atenções. E todos reconhecem que ela fez verdadeiros prodigios.

Um exemplo. A velha propriedade de Tolstoi de Yasnaia Poliana foi transformada numa pequena republica infantil, sob a amorosa condução da propria filha de Tolstoi, Tatiana, e do seu executor testamentario Chertkof. Vivem ali oitocentas crianças, filhas de operarios e trabalhadores ruraes, organizadas segundo os principios pedagogicos do genial autor da *Resurreição*. A base da educação é a agricultura, dirigida por agronomos.

Esta colonia educativa tem um teatro infantil, um museu, uma escola de canto; varias escolas profissionaes (construção e reparação de maquinas, marcenaria, serralharia, vestuario); um asilo e jardim para os mais pequenos; salas de diversões, de ginastica, escola desportiva, etc.

A pequena colonia comunista tolstoiana, embora sob a condução de Tatiana, Chertkof e mais professores, é administrada pelas proprias crianças, que entre si dividem o trabalho — lições praticas admiraveis para a vida social. Entre outras coisas, além dos trabalhos agricolas, são as crianças que cosinham as suas proprias refeições, adoptando o regimen vegetariano.

Previdencia social

Os jornaes russos citaram o relatorio feito numa sessão do comité executivo do Soviet de Moscou sobre os trabalhos da secção de previdencia social. A secção concentrou os seus esforços no sentido da proteção ás crianças e aos velhos. A 1 de maio, o numero de crianças de menos de trez anos hospitalizadas em patronatos e crèches era de 890; em agosto subia a 4.700. As crianças de tres a sete anos são instaladas em casas da infancia por grupos maximos de trinta, para que o estabelecimento lembre aos seus olhos uma casa familiar e não uma instituição oficial. Alimentação, cuidados fisicos e pedagogicos de primeira qualidade lhes são assegurados. 15.000 crianças, em agosto, gosavam desses beneficios. As de 13 a 17 anos de idade foram enviadas para as colonias agricolas dos dominios sovietistas, onde trabalham. As colonias contavam cerca de 10.000 internados e 4.500 protegidos restam ainda em Moscou.

A secção tem ainda a seu cargo 9.000 invalidos. Uma luta sistematica se emprehendeu contra a mendicidade profissional. Os mendigos são recolhidos não pela milicia, mas por «irmãos» e «irmãs» da previdencia social, e conduzidos, segundo o seu estado, para as casas de trabalho ou para as casas de repouso.

A secção das pensões teve a seu cargo 50.000 pensionistas, sem contar os soldados do antigo exercito.

As "atrocidades" de Lunatcharski

Deliberação tomada pelo comissario de educação do povo, Lunatcharski:

«Para imprimir uma feição mais pratica e racional aos estabelecimentos superiores de ensino existentes em Petrogrado, eles serão reorganizados da maneira seguinte, conforme ás exigencias de hoje:

1. As tres universidades de Petrogrado são transformadas numa só universidade com duas faculdades, uma social-cientifica e outra de matematica e fisica.

2. Todos ss departamentos superiores de economia politica de Petrogrado são transformados num instituto de economia politica com as divisões seguintes:

a) Agricultura;
b) Divisão florestal;
c) Divisão das fabricas;
d) Divisão das forjas;
e) Troca de mercadorias;
f) Meios de transportes;
g) Cooperativas,
h) Comunas;
i) Finanças;
j) Ciencias comerciaes;
k) Estatisticas;
l) Organização para a proteção do trabalho.

3. Todos os institutos medicos existentes em Petrogrado são transformados numa academia de ciencias medicas de Petrogrado, composta pelas seguintes faculdades:

a) Faculdade de medicina;
b) Faculdade de tecnica dentaria;
c) Faculdade farmaceutica;
d) Faculdade veterinaria.

Além disso haverá uma divisão especial para a especialização dos medicos e outra para a medicina experimental.

4. Todos os estabelecimentos accessorios ficam desde já á disposição das novas instituições respectivas.

5. O plano de aprendizagem e todas as deliberações concernentes aos novos estabelecimentos de ensino serás estabelecidos pelo comissariado de educação popular.

6. Os novos estabelecimentos de aprendizagem serão abertos com o novo exercicio de aprendizagem».

A socialisação das mulheres

A estupida e infame lenda da «socialisação das mulheres» na Russia, fabula que só póde ser inventada e correr mundo graças a uma prodigiosa combinação de ignorancia e má-fé, já nem merece atenção. Desmentida por todos os visitantes insuspeitos da Russia sovietica, recebeu o golpe definitivo no relatorio oficial de W. Bullitt, enviado norte-americano.

Entretanto, aparece ainda um ou outro miseravel que teima em reproduzir, verbal ou graficamente, a absurda patranha, que é aliás um velho fruto da imbecilidade burgueza, como se pode ver no Manifesto Comunista de 1848, e que resulta do facto de considerarem os burguezes a mulher como um simples objecto de posse, como um simples instrumento. Interessa, pois, apezar de tudo, o mais recente testemunho: o do jornalista inglez Goode, regressado há pouco da Russia.

«A nacionalisação das mulheres, escreve ele no *Manchester Guardian*, vai para o ról das petas, e com ela a galga do amor-livre. O casamento é uma função civil, mas desejando as partes uma cerimonia religiosa posterior, nenhum estorvo lhes é posto. O camponez ou operario russo casa-se cedo.

O mais rude golpe contra esta crença no «amor-livre» é vibrado pelo facto seguinte: não há, segundo todas as aparencias, prostituição publica em Moscou. Não me é particular esta observação: fôra anteriormente feita pelo jornalista americano Hunt, vindo da Russia por Helsingfors mais de dois mezes antes da minha entrada.

A melhoria nas condições e salarios dos trabalhadores, homens e mulheres, removeram uma das principaes causas de prostituição, a economica, ao mesmo tempo que tem sido da maior eficacia para deter a pratica a presença de membros da União Profissional dos Servidores Domesticos nas comissões que se ocupam do problema.

Pode ser que se tenha tornado secreta, isso não sei; o que eu afirmo, a respeito da ausencia dessa chaga nas ruas moscovitas, é a observação directa, minha e de outros. De facto, a situação da mulher no regimen bolchevista não é peor, mas sim melhor do que antes.»

Para ver como é insuspeito este depoimento, basta notar que Good emprega a expressão «amor-livre» com a grosseira acepção que lhe dão os adversarios ignorantes do socialismo, ao passo que prostituiçã, é precisamente o contrario de «amor-livre», isto é, da união unicamente baseada sobre o amor e a vontade dos interessados, livre de peias economicas e estataes.

Testemunho insuspeito

Ha pouco, no parlamento inglez, o deputado coronel Malone tomou a defeza do Soviet Russo. O coronel Malone, que esteve recentemente na Russia, é um liberal, não trabalhista, e começou o seu discurso declarando que não tinha simpatia particular pelo bolchevismo, mas «considerava um dever refutar todas as calunias lançadas contra o governo dos Soviets.»

Ele afirmou que tinha em mãos documentos que provavam que a politica russa do governo britanico era altamente prejudicial aos interesses da Inglaterra e da humanidade e que os publicaria, sendo preciso, para edificação do publico.

Fez ainda estas declarações concretas, entre outras:

«A vida na Russia não está desorganizada nem é cahotica. Os comboios giram, os bondes e as carruagens circulam. Os teatros e concertos funcionam. As Igrejas e todos os monumentos artisticos estão intactos. O governo prosegue metodicamente o seu plano de reconstrução e de educação do povo. A instrução é obrigatoria».

Que serie de barbaridades, hein?

Agora isto, a respeito da «opressão» bolchevista sobre o povo:

«Os operarios estão cheios de entusiasmo pelo sistema sovietista. Moscou só poderá cahir em poder de Denikine e de Koltchak com uma terrivel efusão de sangue. O terror branco seria infinitamente mais sangrento que o terror vermelho».

O terror vermelho

Escreve Longuet no *Populaire*:

«Um dos leitmotivs da campanha anti-bolchevista em França e Inglaterra tem sido a repetição continua de historias de atrocidades, massacres, geralmente imaginadas peça a peça nas oficinas telegraficas de Stockolmo ou de Copenhague. Bullitt declara que o terror vermelho de ha muito se acha terminado. Ele estima, baseado em documentos e algarismos, confirmados pelo adido militar americano, major Wardwell, que houve ao todo 1.500 execuções em Petrogrado, 500 em Moscou, 5.000 em toda a Russia — em 18 mezes, numa população de 100 milhões de almas. Emquanto isso, na pequena Finlandia, habitada por 3 milhões, o verdugo Mannerheim fez assassinar 12.000 socialistas».

Ora, aqueles magros 5.000 executados desaparecem vergonhosamente si os compararmos com o numero de executados pela burguezia franceza na sua grande revolução de 89-93.

E ainda mais perto de nós o grande homem burguez Thiers, em duas ou tres semanas, só em Paris, vencendo a Comuna de 71, fez passar pelas armas 30.000 comunardos, homens, mulheres, crianças...

Ao lermos aqueles algarismos de victimas do terror vermelho na Russia bolchevista, ainda perguntamos: mas então sómente 5.000? E' pouco...

Efectivos sindicaes

O *Economitcheskaya Jizn*, orgam oficial do Conselho supremo de economia social, publicou não ha muito uma estatistica da organização pan russa dos sindicatos.

E' bem de ver que esses algarismos não se referem aos territorios russos em grande parte, na occasião em que se levantou tal estatistica, sob o dominio de tropas estrangeiras ou reacionarias, que suprimem todas as organisações operarias.

Eis o quadro dos efectivos sindicaes:

Industrias texteis, 714.000 membros.
Ferro Vias, 450.000 membros.
Metalurgia, 400 000 membros.
Couros e peles, 225.000 membros.
Empregados, 200 000 membros.
Transportes fluviaes, 200.000 membros.
Vestuario, 150.000 membros.
Alimentação, 140.000 membros.
Construção civil, 120.000 membros.
Correios e Telegrafos, 100.000 membros.

Ao lado destes outros sindicatos menos importantes existem ainda.

O total dos aderentes, no momento em que se organizou a estatistica, montava a 3.442.000.

E a reação russa, entre outras tantas legendas, pretende afirmar que o regimen sovietista tem sido funesto á vida sindical na Russia!

Pequena diferença...

Quanto ganham os comissarios do povo na Russia?

Eis uma pergunta que muita gente terá feito — conjecturando respostas polpudas, milhões de rublos, naturalmente estabelecendo os seus calculos de probabilidades sobre a base dos pingues subsidios da nossa gente da governança...

Aqui o subsidio do Presidente monta á linda quantia de 120 contos por ano, ou dez contos por mez. Cada ministro, si nos não enganamos, percebe 36 contos por ano, ou 3 contos por mez. E isto são subsidios liquidos...

Pois na Russia dos Soviets cada comissario do povo, inclusive Lénine, que é o presidente do conselho dos comissarios, ganha (a nossa informação é de origem americana) 1800 dólares anualmente. Em moeda nossa, ao cambio actual: 6:660$000, o que vem a dar, mensalmente, 555$000.

Parece bem que ha, entre aqueles monstros vorazes de Moscou e estes nossos suaves arcanjos do Rio, em materia de fome monetaria, uma pequena diferença eloquentissima...

Politica do Vatapá

A Bahia, a velha e boa terra do vatapá, sempre teve no vatapá o simbolo da sua vida politica. Aquilo sempre foi um panelão imenso onde se coze e se referve a mais baixa, mais sordida e mais imoral politicalha. Terra de Ruy Barbosa, o genial politicalheiro...

Ainda agora, com a eleição do novo governador, chafurdou a Bahia na lama e no sangue — condimentos de regra no seu vatapá eleitoral. O Sr. Ruy em pessoinha abalou da rua São Clemente e foi á boa terra, cujos ouvidos, da cidade ao sertão, atulhou com o clamor do seu verbo torrencial e desaforado.

E a eleição, chave de ouro do periodo preparatorio da propaganda, decorreu numa baderna de todos os demonios, em meio ao estampido dos tiros, ao faiscar dos punhaes e á caudal da sangueira...

A imprensa, alavanca do progresso, paladina da Democracia, desbocou-se nos insultos mais desbragados. Na opinião dos jornaes ruystas, o seabrismo é uma quadrilha de bandidos. Na opinião dos jornaes seabristas, o ruysmo é um bando de celerados. Verdade, verdade, uns e outros têm razão de sobra.

E venham depois falar-nos da barbaria bolchevista!

De ocasião

Carta aberta ao Exmo. Sr. Dr. Nuno de Andrade, «et ejusdem concomitante caterva».

(CONCLUSÃO)

O cambio, que é só uma exploração inventada pela tribu de Judá e aderentes, adoradores do Bezerro de Ouro, alimentada e tutelada pelos governantes de toda laia, pouco ou nada influe no lavrador honesto e previdente.

O que sucede é que honestos ha mui poucos; V. sabe bem disso e os outros tambem o sabem.

Penetremos, pois, no amago da questão.

Vamos tomar como exemplo o Estado de S. Paulo.

Estado, o mais rico da União, o mais productivo e onde os seus generos se vendem a peso de ouro; não obstante — que vemos?

Raro é o lavrador que não está acorrentado ao banco expoliador ou ao comissario usureiro.

Será por causa das variações do cambio? Não, absolutamente.

Por causa, sim, do seu desregramento e deshonestidade!

Quem passeia pela capital de S. Paulo vê todas as tardes invadido o centro da cidade por um aluvião de mulheres carregadas de joias riquissimas, luxuosamente ataviadas.

— Mães de familia? Donzelas pudorosas? Nada disso. Rameiras de todos os calibres, prostitutas da roda chic que perambulam pelas ruas ostentando publicamente a riqueza, a prosperidade e, sobre tudo, a *generosidade* do Estado de S. Paulo.

Mas, alguem perguntará: — Quem são os marchantes? Ah! A interrogação é desnecessaria, todo o mundo sabe.

Conheci lá um sugeito, conde papalino do criadeiro do eminente Arcoverde, que, tendo aparecido no teatro uma estrela dessas de primeira grandeza, começou por fazer-lhe presente dum colar de perolas do valor de 27 contos de réis; depois poz-lhe carro e lacaios, com um confortavel palacete para morradia. Logo a seguir, para resarcir-se da despeza abaixou em mil réis os salarios de todos os operarios duma fabrica que possuia no Braz. Questões de cambio? Quem duvidará?

Quer outra? Lá vai.

Tanto como as mulheres, a paixão do jogo domina obcecadamente o fazendeiro de S. Paulo.

Era um lavrador cafezista dos mais importantes.

Estava devendo aos colonos trinta e poucos contos; devia receber a importancia de parte da colheita que ascendia a 62 contos de réis.

Com esse fim partiu para Santos. Recebeu o dinheiro, mas... Guarujá está lá tão perto que não poude resistir á tentação de lhe fazer uma visita.

Sentou-se na mesa da roleta e quando se levantou estava pronto. Voltou para a fazenda limpo e quiz com um embuste arranjar-se com os colonos que o esperavam como o maná do céu. Estes não aceitaram as excusas, se revoltaram e finalmente teve ele que ir a S. Paulo penhorar a fazenda num banco para poder satisfazer os compromissos.

Destas cedulas, poderia endossar-lhe aos milhares para negocial-as com cambio alto ou baixo e — quem sabe? pode ser que ainda achassem colação no mercado.

Quem conheça a fundo a sociedade paulista verá que não exagero. E si alguem duvidar, não tem mais que ás tantas horas da noite dar uma voltinha pelos «Club S. Paulo», «Internacional», «Sport-Club» e outros e ficará convencido.

Ali achará esses respeitaveis barbados fazendo moldura ao tapete verde, atirando fóra o dinheiro com que deviam pagar os trabalhadores.

Não é verdade Exmo. Conselheiro — *et ejusdem caterva* — que com esses processos em nada pode influir o cambio alto ou baixo, estavel ou instavel, para melhorar a sorte do lavrador e muito menos dos trabalhadores que deles dependem?

O que disse do Estado de São Paulo pode-se aplicar a qualquer outro estado da União, pois, neste nosso Brazil, apezar do analfabetismo existente, todos sabemos lêr na mesma cartilha.

Aqui mesmo nesta capital — quem não conhece o Club dos Diarios, o Jokey-Club, os Democraticos, os Tenentes, os Fenianos, etc. etc.?

E, si dermos um salto para o outro lado do Atlantico, as cronicas brazileiras da jogatina e outras despezas loucas em Paris, Niza, Baden-Baden, Monaco, Carlsbad e muitos outros logares de luxo e recreio, serão de molde a concentar-se com cambios altos ou baixos.

O conselheiro conhece bem o pessoal, responda, si quer, sinceramente.

Do milhão e duzentos mil contos emitidos — disse o sr. Ramos — apenas cento e dez mil foram empregados para valorisar o café paulista (leia-se, para jogo e mulheres), o resto foi engolido pelo ciclone.

Tudo isso e mais isto e aquilo pode reduzir-se ao seguinte esquema — e este sim que é verdadeiro.

O mal-estar que sofremos se deve exclusivamente á ladroeira dos politicos profissionaes, á gatunagem dos comerciantes altos e baixos, grandes e pequenos; á absorção insaciavel do avarento industrial; e á deshonestidade imbecil dos lavradores.

Agora quem é sacrificado, quem serve de bode expiatorio, quem paga as favas e é expoliado, esfolado e estafado, é o pobre trabalhador que, com o suor da sua fronte, produz tudo quanto serve de combustivel a essa classe deshumana e cruel conhecida pelo nome de burguezia.

Isto, Conselheiro, não se endireita com cambios de artificio, si não com outro cambio mais radical, isto é: empunhando o povo uma bôa vassoura e varrendo da face da terra toda essa imundicie social que como verme se alastra sugando o sangue do povo paciente e trabalhador, despejando-a sem comiseração na primeira ilha de Sapucaia, que se encontre á mão.

Tudo o que não seja isso não passará de parolice, parolice e parolice.

Com distinção afectissima,

Leontino Ferreira.

Listas pró "Spártacus"

Pedimos aos camaradas que têm listas de subscripção pró "Spártacus" queiram entregal-as com urgencia a esta administração. As nossas despezas são grandes e fataes.

Administração

N. 22

ENTRADAS

Venda avulsa	110$800
Lista 66	9$000
Bischoff (pacotes)	16$000
Venda de folhetos	18$200
Lista a cargo de Bischoff	127$500
Um dos nossos	35$000
A. Giannini	10$000
J. Placido	14$000
A. Herculano	5$000
Manjón	10$000
A. de Nequele	40$000
Quête da cerveja	1$900
Leilão dum quadro (dia 28)	25$000
286	3$000
Saldo anterior	113$800
Total	539$200

SAHIDAS

Composição e impressão	200$000
Carretos	13$000
Selos	12$000
Passagens	5$900
Administração	35$000
Total	265$900

RESUMO

Entradas	539$200
Sahidas	265$900
Saldo	273$300

Brochuras de propaganda

O que é o maximismo ou bolchevismo — Programa comunista — por Helio Negro e Edgard Leuenroth — um belo volume de 128 paginas. . . . $500

No Café — por Errico Malatesta $400

Dictadura policial — por Astrojildo Pereira. . . . $200

Luta sindicalista revolucionaria — Meios e finalidade — por Carlos Dias — um volume de 104 paginas. . . . $600

Apontamentos de um burguez — por Salomão. . . . $400

Da Religião á Anarquia — por Manoel J. Silveira. . . . $200

Doze provas de inexistencia de Deus — por S. Faure. . . . $400